



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

CARLOS ALBERTO DA SILVEIRA

**O PENSAMENTO EUGÊNICO NA OBRA “OS SERTÕES:
CAMPANHA DE CANUDOS” DE EUCLIDES DA CUNHA**

ERECHIM

2019

CARLOS ALBERTO DA SILVEIRA

**O PENSAMENTO EUGÊNICO NA OBRA “OS SERTÕES: CAMPANHA DE
CANUDOS” DE EUCLIDES DA CUNHA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado
como requisito para obtenção de grau de licenciado em História
da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga

ERECHIM
2019

CARLOS ALBERTO DA SILVEIRA

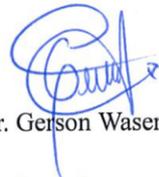
**O PENSAMENTO EUGÊNICO NA OBRA "OS SERTÕES: CAMPANHA DE CANUDOS"
DE EUCLIDES DA CUNHA.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Gerson Wasen Fraga

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 09/12/2019.

Banca examinadora:



Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga



Prof. Dr. Gerson Egas Severo



Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério

Agradecimentos

Final de uma jornada, assim posso definir este momento especial dentro dos anos em que tive a felicidade de compartilhar ideias e receber conhecimentos que vou carregar para o resto de minha vida, mas nada se compara com a amizade e a parceria com todos os professores, independentemente da matéria dada em sala de aula.

Nesta caminhada, a bordo da nave do saber tive a oportunidade de conhecer mais profundamente o mundo desde os seus primórdios, a evolução do homem, da linguagem e de temas que somente em um curso de História temos esta oportunidade. Degustei cada conteúdo dado em sala de aula, informação, livro, artigo, prova, seminários e demais trabalhos realizados.

Uma oportunidade para agradecer o professor Gérson Wasen Fraga que desde que frequentava o curso de Ciências Sociais, mas com o olho voltado para a História nos tornamos amigos. Uma amizade que segue por anos e com certeza terá continuidade aos que virão a partir de agora. Afinal, a Universidade Federal da Fronteira Sul acabou sendo minha terceira casa, pois ao sair do trabalho ia direto para o campus que ficava junto ao Seminário Nossa Senhora de Fátima e a partir de sua conclusão, o definitivo que está localizado as margens da rodovia, sem esquecer as aulas na Escola Érico Veríssimo e na Escola José Bonifácio. Carinho igual a cada professor que mantive contato nos dois cursos.

Mas como nem tudo é apenas sala de aula, este é um momento para lembrar daqueles que estão, sempre, ao meu lado, me apoiando, entendendo pelo horário que chegava à noite e pela ausência mesmo dentro de casa nos momentos de estudo, leitura e realização de trabalhos.

Uma oportunidade de agradecer a minha esposa Cleusa Teresa Daronch e ao meu filho Carlos Alberto da Silveira Júnior pelas ausências, mas que valeram a pena. Também agradecer a minha mãe Renúncia Maria da Silveira que também sempre me apoiou nesta jornada e demais familiares.

Por fim, a hora de dar um até logo aos professores e colegas, que não foram poucos. Amigos que ficarão para sempre na memória das horas dos debates, das viagens, das risadas, dos seminários, apresentações, provas e por que não as discussões sadias após um tema que merecia um pouco mais de debate.

Um muito obrigado!

RESUMO

O presente trabalho quer, por meio da obra “Os Sertões: Campanha de Canudos”, escrita por Euclides da Cunha, dar uma visão do uso da eugenia no Brasil através da literatura. A obra foi o relato vivo sobre o que acontecia no sertão nordestino quando do combate de Antônio Conselheiro e seus seguidores com as tropas da República. Esta obra importante dentro da literatura e da história do Brasil mostrou um sertão desconhecido até então, partindo da descaracterização do povo nordestino que o autor, inicialmente, colocava como sem nenhuma condição para construir o país que a nova República tanto esperava.

PALAVRAS-CHAVE: Eugenia. Antônio Conselheiro. Sertão Nordestino. República.

ABSTRACT

The present work, through the literary work of "The Sertões: Campaigns of Straws", written by Euclides da Cunha, has the objective to give a vision about the use of eugenics in Brazil. The work was the living report of what was happening in the northeastern backwoods when the combat of Antonio Counselor and his followers with the troops of the Republic. This important work within the literature and history of Brazil showed unknown backwoods until then, starting from the mischaracterization of the northeastern people that the author, initially, placed like without any condition to build the country that the new Republic hoped so much.

KEYWORDS: Eugenics, Antonio Conselheiro, Northeastern Backwoods. Republic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A HISTÓRIA DA EUGENIA E A SELEÇÃO DOS PUROS E IMPUROS	11
3	A VIDA E A OBRA DE EUCLIDES DA CUNHA	22
4	OS SERTÕES E A EUGENIA NO TEXTO DE EUCLIDES DA CUNHA	30
4.1	Homens de guerra e sem lares	31
4.2	A gênese do mulato	31
4.3	Os jagunços: colaterais prováveis dos paulistas	32
4.4	O vaqueiro	32
4.5	Um parêntesis irritante	34
4.6	Elementos inferiores	35
4.7	Xucro e deselegante	35
4.8	Gaúcho e o jagunço	36
4.9	Servidão inconsciente	37
4.10	Mamelucos bravos	38
5	OS SERTÕES NA VISÃO DE HISTORIADORES	39
5.1	Narrativa de estilo barroco	39
6	CONCLUSÃO	47
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

1 INTRODUÇÃO

O racismo, a possibilidade de construir uma população pretensamente perfeita em todos os sentidos e o branqueamento das grandes nações, a exemplo dos Estados Unidos e a Grã Bretanha são pontos fundamentais para o tema eugenia que estaremos desenvolvendo neste trabalho.

Temas que dentro da história da humanidade, desde o final do Feudalismo e o início da Revolução Industrial, quando da formação das grandes cidades, passaram a fazer parte da humanidade, especialmente quando o homem saiu do campo para buscar trabalho e, conseqüentemente, se formaram as mazelas que passaram ao longo dos anos a receber mais e mais pessoas.

Dentro deste contexto, um grande problema que se apresentava era o da miscigenação entre brancos, mulatos, índios e imigrantes que chegavam de vários países. O Brasil, pela sua própria historicidade, não ficou de fora desta discussão.

Assim, nos voltamos neste trabalho para o tema da eugenia a partir da leitura do livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha, que trata da Campanha de Canudos no nordeste brasileiro e mostra como era visto aquele povo (o povo do interior do Brasil) em fins do século XIX.

A cada capítulo do livro e a cada artigo ou tese que lemos sobre o tema, mais nos colocamos no lugar dos muitos que, em nome da ciência e de uma suposta raça pura, passaram pelas agruras de cientistas e pensadores que viam no branqueamento a solução para muitos problemas enfrentados pela sociedade que se transformava a cada instante.

Como diz o lema, a roda gira e o mundo passa pelas mais diferentes transformações. A mudança que a Era Moderna passava a dar para países em pleno desenvolvimento após o ápice da Revolução Industrial mudava aceleradamente o modo de viver de muitas cidades.

A vinda de imigrantes das mais diferentes nacionalidades para países como os Estados Unidos da América e no Brasil pós lei Áurea (1888) colocava na mesa

uma nova realidade: convivência com homens e mulheres das mais diferentes etnias, raças e cores.

No Brasil, onde o convívio de índios com portugueses já era uma realidade após a sua descoberta e com africanos durante a escravidão e após a Lei Áurea, se convivia com a miscigenação de raças que originariam tipos como o mameluco e o mulato.

Na obra “Os Sertões”, Euclides da Cunha, um jornalista que vai até o local do conflito, nos traz uma realidade até então desconhecida para aquela época do que estava acontecendo no sertão nordestino. Sua visão eivada de preconceitos apresentava a mistificação de um homem desprovido de conhecimentos e atitudes dignas, levando uma vida infeliz dentro de um cotidiano monótono que não tinha como se modificar.

Mas o que tudo isso tem a ver com nosso Trabalho de Conclusão de Curso? Tudo, pois cabe aqui fazermos uma grande análise entre o real e o irreal, do saber até onde os homens (as tropas do Governo) foram em suas ações para rebelar um povo miserável, temente a Deus e guiados por nada menos que Antônio Conselheiro: um Messias que, ao levar a multidão no caminho da fé, atenuava um pouco a fome e a miséria de um povo que sucumbia a falta de chuvas, terra infértil e seca e uma vida moribunda e sem perspectivas de melhoras. A morte certa era o único caminho para o descanso, o eterno.

Trabalhar o tema Eugenia e ler “Os Sertões” nos coloca em um constante roteiro de busca de conhecimentos que nos permite estudar, analisar e entender fatos históricos e atrocidades mundiais na busca de uma raça pura que pudesse gerar crianças sadias, perfeitas e casamentos sólidos e voltados a construção de uma nação racialmente pura e homogênea.

Falar sobre a eugenia propriamente dita nos leva a indagar sobre outras situações que abalaram a humanidade, a exemplo do Holocausto que resultou na morte de mais de seis milhões de pessoas na Alemanha nazista.

É nos deparar com a realidade de um tema que influenciou na castração de imigrantes que chegavam aos Estados Unidos para acompanhar as transformações

industriais e impedir que homens diferentes dos “puros” pudessem se proliferar em solo americano, sem contar com os viciados em drogas, alcoólatras, doentes mentais, portadores de alguma deficiência ou simplesmente inaptos conforme a eugenia propagava.

2 A HISTÓRIA DA EUGENIA E A SELEÇÃO DOS PUROS E IMPUROS

Para muitos a hereditariedade determinaria o destino dos indivíduos, ou seja, já teriam seu futuro desenhado antecipadamente pelos seus traços, pele branca, olhos azuis, boa feição e, é claro, viril e sadio o suficiente para gerar filhos que fossem o modelo perfeito de uma sociedade que estava se construindo e não poderia, de forma alguma ser misturada com negros, mulatos, índios, asiáticos ou qualquer outro imigrante.

A purificação da raça passaria, aos poucos, a ser um tema tão instigante na nova sociedade que muitos movimentos surgiram para “classificar” os bons dentre os ruins, ditos impuros ou racialmente inferiores.

É necessário discutirmos sobre um termo que para muitos ainda é desconhecido pelo pouco debate sobre o mesmo, mas que teve extrema influência em um dos piores episódios da humanidade, a Segunda Grande Guerra Mundial quando o regime nazista de Adolf Hitler ceifou a vida de milhões de pessoas em nome da purificação da raça ariana, a eugenia.

O holocausto foi, infelizmente, o pior cenário em que a eugenia se manifestou, sendo utilizada como forma de purificação e classificação, não somente dos judeus no auge do holocausto, mas de negros, idosos, doentes mentais, portadores de doenças, homossexuais e os demais desclassificados pela SS nazista.

No Brasil o termo eugenia ganha força após o final da escravidão, com a chegada de imigrantes para suprir a mão de obra que se fazia necessária para girar a máquina da economia. Dentro deste contexto, a fim de impedir que houvesse a mistura dos brancos com negros, índios, mulatos, mestiços, asiáticos e imigrantes, o tema ganhou força e teve a simpatia da classe médica e de intelectuais para purificar a raça branca. No domínio do país, queriam a concepção de famílias que tivessem um futuro promissor por meio de homens e mulheres os mais puros e saudáveis, e assim construir uma grande nação livre de imperfeições. Desta forma, a medicina seria a chave central deste processo implantado como fator preponderante para o branqueamento das nações.

Trabalharemos o texto de Izabel Mello Teixeira e Edson Pereira Silva “História da Eugenia e Ensino de Genética”, publicado em 2016 na História da Ciência e Ensino. (TEIXEIRA, Izabel, SILVA, Edson Pereira, 2027, págs. 60-80).

A eugenia, de acordo com os autores, foi elaborada por Francis Galton (1822-1911) no final do século XIX, com uma explícita preocupação com a evolução da raça humana no que diz respeito tanto às características físicas (a cor dos olhos, por exemplo), quanto às não físicas (a inteligência, largamente estudada por Galton).

Segundo os autores, a inspiração para a criação da eugenia veio da leitura do livro “*A Origem das Espécies*”, do primo de Galton, Charles Darwin. Galton teria se preocupado com aquilo que interpretava como sendo a degeneração da espécie humana e, dessa forma, se interessou em desenvolver uma ciência que impedisse esse processo a partir de cruzamentos seletivos. Segundo eles, o objetivo primário da eugenia era aplicar os pressupostos da seleção natural, descrita por Darwin para a natureza, aos seres humanos. Assim a eugenia se identificava com a história natural (futuramente biologia) do seu tempo.

Para a realização do seu projeto de melhora da raça humana por meio da seleção natural, Galton estudou a herança das características humanas físicas e, principalmente, não físicas. Sua ideia geral era que comportamentos humanos como a preguiça, o alcoolismo, a criminalidade e a inteligência, entre outros, eram hereditários. (TEIXEIRA, SILVA, 2016, pág. 64).

Os autores garantem que a partir de 1920 teria ocorrido uma radicalização dos ideais e das práticas eugênicas, ou seja, passou-se da pregação da necessidade de uma eugenia positiva (estímulo aos casamentos e reprodução daqueles que eram considerados os melhores membros da sociedade) para a necessidade de uma eugenia negativa, que visava evitar a reprodução dos inadequados. Fator que deu origem a práticas como a esterilização dos doentes mentais e a segregação dos considerados inimigos da raça. Leis eram elaboradas e votadas dentro dos parlamentos e instituições eugênicas eram criadas.

Os geneticistas alemães foram os pioneiros em estudos sobre genética humana e de população. A coleta de dados e os estudos estatísticos ocorreram naquele país em uma escala muito maior que em muitos países da Europa. “São da Alemanha os trabalhos de Wilhelm Weinberg (1862-1937) sobre o equilíbrio genético.

Somado ao desenvolvimento da genética, a Alemanha, na primeira metade do século XX, possuía condições sociais muito parecidas com as da Inglaterra”. (TEIXEIRA, SILVA, 2016, pág. 69).

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, a situação da Alemanha se agrava e inicia uma severa crise, fato que acaba favorecendo a desestruturação da sua base econômica, além de uma série de fatos negativos e a desorganização dos centros urbanos devido à guerra, a sociedade alemã sempre foi marcada pelo antissemitismo, ou seja, sempre primou por uma pureza ariana. Este foi um prato cheio que o movimento eugênico encontrou (TEIXEIRA, SILVA, 2016, pág. 69).

Conforme o texto, Adolf Hitler (1889-1945) assumiu o cargo de Chanceler no ano de 1933. Em suas manifestações, com um tom de voz sempre inflamado e voltado para as massas, reforçava o valor da identidade biológica e propagava os ideais de uma raça pura. Hitler pregava que a raça e a nação eram termos que se equiparavam. Para ele a nação alemã só prosperaria a partir de alemães extremamente puros. “Hitler pregava a higienização racial. Em seus discursos a importância de uma raça denominadora que não se funde à raça mais fraca, fato que estaria sacrificando a sua própria grandeza, ou seja, só o fraco de nascimento poderia achar a lei cruel”. (TEIXEIRA, SILVA, 2016, pág. 69).

Para garantir a sua soberania (estabelecendo formas de prevenção de uma fusão com o mais fraco), os autores reforçam que o partido nazista, ao chegar ao poder, criou leis de esterilização, seguidas pela eliminação dos indesejáveis, o que, segundo eles, se revelou uma medida economicamente viável.

Teixeira e Silva ressaltam que foram os judeus que acabaram sofrendo mais durante a Segunda Guerra Mundial. Os indesejáveis e impuros na seleção dos alemães incluíam também os negros, ciganos, homossexuais e portadores de doenças mentais. Estima-se que cerca de seis milhões de pessoas, somente entre os judeus, acabaram morrendo nos campos de concentração nazista.

Nos Estados Unidos, por sua vez, o movimento foi muito proeminente, marcado por leis de segregação racial, esterilização dos doentes mentais e restrições à imigração. O objetivo seria proteger a população americana (classes mais altas e a raça branca) da miscigenação com imigrantes não nórdicos que eram vistos como de qualidade inferior.

Outro fato marcante do movimento eugênico norte-americano foi o racismo. Os eugenistas pregavam a ideia da superioridade racial dos brancos, o que causava uma antipatia natural contra todos aqueles que não eram desta raça. Esse ideal levou à elaboração de diversas leis prevenindo a imigração de não nórdicos e latinos (...) Segundo Guerra (André Guerra, 2006, pg. 4) o crescente número de imigrantes no final do século XIX preocupava as elites dominantes do país, que passavam a buscar motivos para a exclusão e encontraram terreno fértil na eugenia. Para os eugenistas o nível econômico e social era um bom indicador da qualidade genética dos grupos sociais, o que explicava, por exemplo, a degradação existente nos bairros de imigrantes. (TEIXEIRA, SILVA, 2017, pág. 70).

Para Nancy Leys Stepan (2004), entre as duas grandes guerras mundiais, o termo eugenia está associado a uma série de Congressos e Conferências e à legislação sobre bem-estar infantil, saúde materna, direito à família, controle de doenças infecciosas e imigração, o que teria estimulado a criação de alguns dos primeiros cursos de genética na região.

Debates médicos e jurídicos e atividades legislativas referentes ao papel apropriado do Estado na regulação do matrimônio eram permeados por temas de aprimoramento eugênico. Os movimentos eugênicos latinos foram também responsáveis pela criação da Federation Internacional des Sociétés d'Eugénique, fundada em 1935 por iniciativa de Corrado Gini, presidente da Società Italiana di Genetica e Eugenetria (...) Entre 1900 e 1940, o Brasil passa por profundas mudanças sociais e políticas provocadas por uma industrialização tardia e dependente, pela urbanização e por uma maciça imigração europeia. Em outras partes do mundo muitas dessas mudanças estiveram associadas à eugenia. No Brasil ela ocorria em um país subdesenvolvido, de população em grande parte católica, rural, racialmente mista e analfabeta". (STEPAN, 2004, págs. 333-5).

A autora reforça que em virtude de seu clima tropical e de sua população mestiça, o Brasil representava tudo que os europeus consideravam disgênico. Questionariam como seria o movimento eugênico em um país onde uma pequena elite, de origem primordialmente europeia, governava uma vasta e heterogênea massa de pobres. Aponta ainda que o interesse pela eugenia no país teria antecedido a Primeira Guerra Mundial. Diferente do espanhol, o termo brasileiro nasce como título de uma Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro por Alexandre Tepedino em 1914.

A primeira sociedade eugênica brasileira é fundada no ano de 1918, ao final da Primeira Guerra Mundial, dez anos depois da sociedade britânica equivalente e seis anos após a francesa, o que sugere o quanto os cientistas brasileiros estavam sintonizados com os desenvolvimentos científicos europeus.

(...) As questões de prontidão e disciplina em tempos de guerra, de controle e ordem, das competências e capacidades raciais brasileiras estavam bem presentes na mente das elites (Fausto, 1978). Os Estados-nação da Europa havia muito simbolizavam, no Brasil, tudo que era civilizado e avançado, em oposição à barbárie e ao atraso brasileiro. Seu colapso gerou um novo nacionalismo fundado no desejo de projetar o Brasil no cenário internacional, de definir as realidades do país em termos próprios e de encontrar soluções brasileiras para os problemas brasileiros. (STEPAN, 2004, pág. 335).

Para a autora, a eugenia surge no Brasil como resposta a prementes questões nacionais às quais os brasileiros se referiam em 1920 como a questão social, a aterrorizante miséria e falta de saúde da população trabalhadora, em grande parte negra e mulata.

O Brasil foi o último país do hemisfério a libertar seus escravos. 30 anos antes, em 1888, os últimos 700 mil escravos haviam sido emancipados. Em um país que passava por rápidas mudanças sociais e econômicas, os ex-escravos foram abandonados à própria sorte, sem educação ou recompensa. Muitos teriam se juntado à corrente migratória dos pobres sem profissão que fugiam para as cidades, competindo em condições desfavoráveis por empregos com mais de um milhão de imigrantes brancos que entraram no país entre os anos de 1890 e 1920. Uma das consequências dessa onda de migração e imigração foi o surto relativamente súbito de industrialização e urbanização que se verificou no Brasil. (STEPAN, 2004, pág. 336).

A pobreza, a migração interna, a imigração e o desemprego teriam aberto o caminho para um período de radicalização política, protestos, greves e interrupções de trabalho, o que culminou em uma greve em 1917.

Nancy Stepan garante que no Brasil a eugenia não esteve associada, a exemplo da Grã-Bretanha, a controvérsias em torno dos méritos relativos da biometria e da genética mendeliana. Na década de 20, a biologia e a genética darwinianas mal estavam estabelecidas como campos de pesquisa científica. Ela afirma, ainda, que mesmo que os brasileiros ainda fossem, na sua maioria, consumidores de ciência, e não produtores, “a história da eugenia no Brasil deveria ser olhada como parte de um entusiasmo generalizado pela ciência como sinal de modernidade cultural”. (STEPAN, 2004, pág. 336).

O extraordinário sucesso das campanhas de saneamento contra a varíola, a peste bubônica e a febre amarela lideradas por Oswaldo Cruz entre 1902 e 1917 havia dado grande status às ciências sanitárias e estimularam o crescimento de uma classe médica e profissional de orientação científica cada vez mais visível e integrada nas organizações federais e estaduais encarregadas da elaboração de políticas. (STEPAN, 2004, pág. 337).

A autora afirma em seu trabalho que o surgimento da eugenia no Brasil teria tomado corpo pela sua situação racial, uma nação híbrida, resultado da fusão de indígenas, africanos e povos europeus.

Desde a transferência da Coroa Portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro, em 1808, raça e relações raciais eram aspectos centrais da realidade social e dos debates ideológicos sobre a capacidade brasileira e o destino nacional. (...) A partir da abolição em 1888 e da Proclamação da República no ano seguinte, a ciência emergira como ferramenta de autoridade cada vez maior para interpretações sociais e especialmente raciais (STEPAN, 2004, pág. 337).

Nancy Stepan pontua que, segundo cientistas, os cruzamentos promíscuos que tinham ocorrido no Brasil desde os tempos coloniais, teriam produzido um povo degenerado, instável, incapaz de desenvolvimento progressivo. Os temas como a degeneração tropical e racial perpassavam as obras de medicina, bacteriologia e raça escritas entre o início do século XIX e as décadas de 1930 e 1940, quando já ia bem avançado o período revisionista de Gilberto Freyre (Stepan, 1976).

Reforça a autora que depois da abolição da escravatura no ano de 1888, a ciência teria sido cada vez mais usada, como na Europa desde o iluminismo, a fim de definir o quanto a natureza poderia limitar a igualdade social e política dos negros e mulatos na nova república. “A ciência do aprimoramento racial seria um atrativo para uma elite convencida do poder da ciência para criar ordem e progresso e perturbada pela composição racial do país”. (STEPAN, 2004, pág. 345)

Embora esse interesse jamais se consolidasse institucionalmente tanto quanto na Europa, Nancy Stepan pontua que ainda assim, em toda a América Latina a linguagem da eugenia revelaria um indispensável contexto para entender o envolvimento cada vez maior do Estado no gerenciamento da saúde mental, entre 1920 e 1940.

Os primeiros movimentos eugênicos do Brasil surgiram em São Paulo. A sociedade eugênica realiza seu primeiro encontro em 15 de janeiro de 1918. À medida que o assunto ganhava novos adeptos, a linguagem sobre o tema começava a incentivar discussões sobre a saúde. Nancy ressalta que o aprimoramento humano passaria a ser discutido em termos galtonianos (simpáticos a Teoria Eugenista de

Francis Galton) de fatores disgênicos e eugênicos, adequação e inadequação e taras (defeitos) hereditários.

Aos olhos britânicos, a eugenia no Brasil pode ter parecido um exemplo de pensamento científico errado ou descuidado. Vista na perspectiva brasileira, porém, o britânico deixava de perceber a lógica subjacente a sua ciência eugênica, que permitia a muitos brasileiros afirmar que sanear é eugenizar (Kehl, 1923, 20). Ainda que pareça confundir a imagem da eugenia baseada nas experiências históricas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, a eugenia brasileira exemplifica uma importante variante do movimento mundial, esta que permeou toda a América Latina (STEPAN, 2004, pág. 346).

“Em um fato pitoresco, os eugenistas também foram os responsáveis pela organização de concursos populares para famílias eugênicas, dando prêmios em dinheiro às crianças que fossem julgadas hereditariamente adequadas e eugenicamente belas, representantes, portanto do melhor da raça brasileira”. (STEPAN, 2004, pág. 351).

Com a eugenia assuntos tradicionalmente excluídos do discurso educado tornaram-se respeitáveis. Foram proferidas palestras sobre higiene sexual e prevenção de doenças venéreas – algumas das quais bastante explícitas – a rapazes educados e estudantes de medicina (Moura 1919). Para as moças a eugenia significava a maternidade digna com ênfase na saúde materna e no cuidado pré-natal (STEPAN, 2004, pág. 352).

Nancy Stepan reforça que o mais atraente para os eugenistas brasileiros eram os exames médicos pré-nupciais, ou seja, uma espécie de controle da natalidade sem controle de natalidade. Nada de novo quanto à exigência de exame médico obrigatório (em contraste com exigências religiosas) para os casamentos. Os exames pré-nupciais faziam parte das metas dos eugenistas brasileiros desde 1918, quando introduzido o assunto na primeira reunião da Sociedade Eugênica de São Paulo.

Para ela, a eugenia do Brasil da década de 1920 não teria seguido um movimento de higienização igual ao da Alemanha nazista, ou seja, disposto a esterilizar ou eliminar alguma raça. Na década de 1920 a eugenia esteve associada ao esforço de vários membros da elite brasileira por resgatar o país da acusação de decadência tropical e degeneração racial.

Mais essenciais para a eugenia no Brasil foram os esforços dos cientistas brasileiros por se livrarem da acusação da degenerescência mulata. A avaliação negativa dos mulatos pelos cientistas europeus e norte-americanos era confrontada pela afirmação brasileira de que seria por meio

da miscigenação racial que o Brasil realizaria seu próprio futuro eugênico. (STEPAN, 2004, pág. 357).

O fator branqueamento focava, nitidamente, na idealização da branquidade. Representava como que um raciocínio orientado pelas aspirações de uma elite que governava uma sociedade multirracial em uma época dominada pelo racismo, anseio por um sentimento de brasilidade em um país partido por clivagens raciais e sociais.

Nancy Stepan ressalta ainda em seu texto que, à medida que o tema branqueamento vai ganhando terreno nos anos 1920 e 1930, como ideologia não oficial da elite, muitos brasileiros passaram a desviar sua atenção do pessimismo racial para a educação. O resultado disto, assegura, foi um movimento eugênico que, conquanto se fundasse em ideologia racista, foi sutilmente afastado de um racismo declarado.

Também destacamos figuras da literatura brasileira que foram simpáticos ao tema. No ano de 1945 o escritor brasileiro Monteiro Lobato lançava o livro “O Presidente Negro ou o Choque das Raças” (1968), obra que narra um processo eleitoral ocorrido nos anos de 2228, nos Estados Unidos da América, quando é eleito um presidente negro, Jim Roy. Ao ganhar a eleição é surpreendido, em meio as comemorações, pelas articulações dos setores conservadores e racistas que o impedem de empossar seu cargo.

No romance, Monteiro Lobato faz uma apologia, através da literatura, abordando as questões relacionadas à formação brasileira e lamentando o fato de que no Brasil não teria ocorrido a contribuição dos povos que construíram os EUA. Em sua obra, a visão do homem branco norte-americano é a do puro e modelo ideal para a nação brasileira. Para ela, Lobato teria escrito a obra com duas finalidades: a de obter prestígio como escritor literário brasileiro, e para apresentar a sua perspectiva da eugenia por meio da produção literária.

A filiação de Monteiro Lobato à ideologia da eugenia era explícita, por acreditar que uma vez que o povo viesse a ser podado, o Brasil concretizaria a esperada nação. Criador da figura de Jeca Tatu, o autor ingressa na condição de

participante do movimento eugenista, ao fornecer sua contribuição por meio da literatura.

Ambas as obras teriam enriquecido a argumentação para convencer as elites sobre a importância da eugenia no Brasil. A partir das suas cartas, identificam-se em Lobato oscilações quanto à perspectiva eugênica, pois há momentos em que deposita esperança no Brasil em realizar de fato a eugenia e, em outros, passa a despertar certa descrença no êxito do movimento eugênico, conforme cartas endereçadas a Kehl. Na carta enviada em 14 de abril de 1914, por exemplo, Monteiro Lobato coloca a oposição que teve de enfrentar após ganhar repercussão, ao publicar seus livros infantis afirmando: A cainçalha não me perdoa ser querido das crianças e vender meus livros mais que eles. Daí tudo ser pretexto para insultos e difamações. Que gentinha ruim e miúda a nossa. (LOBATO. In: Fundo Renato Kehl, DAD-DOC) (STEPAN, 2004, pág.104).

Em 8 de julho de 1929, Monteiro Lobato responderia a Renato Kehl e, ao agradecer o envio do livro, reitera a admiração pelo empenho de Kehl em prol da eugenia no Brasil: “Teus livros se caracterizam por um admirável senso de oportunidade e se fossem lidos na medida necessária, grandes benefícios trariam ao feio e doente povo dessa nossa boa terra”. Na mesma carta, Lobato, descrente do sucesso da eugenia no Brasil, afirma: “infelizmente a parte da população que mais necessita das suas lições não as tomará, porque não tem dinheiro para livros, nem sabe ler” (Fundo Renato Kehl, DAD-COC) (SOUZA, Vanderlei, 2006, págs. 29-70).

Nancy Stepan reforça a questão eugênica, momento em que cita o fato de que no prefácio de Casa Grande e Senzala, importante estudo antropológico sobre a formação social brasileira, publicado em 1933, Gilberto Freyre comenta um fato interessante:

E dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação. Vi uma vez, depois de mais de três anos maciços de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais – mulatos e cafuzos – descendo não me lembro se do São Paulo ou Minas pela neve mole de Brooklyn. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. E veio-me à lembrança a frase de um livro de viajante americano que acabara de ler sobre o Brasil: “the fearfully mongrel aspect of most of the population”. A miscigenação resultava naquilo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 Roquete Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafuzos os indivíduos que eu julgava representam o Brasil, mas cafuzos e doentes. (FREYRE, 1933, pág. 11).

Essa citação de Casa Grande e Senzala, conforme a autora, seria uma alusão ao pensamento corrente desde o final do século XIX até meados do século XX em relação ao mestiço. No caso, Gilberto Freyre faz referência ao texto de

Roquette Pinto teria apresentado no Congresso Brasileiro de Eugenia que levou o título “Notas Sobre os Tipos Antropológicos do Brasil”, realizado no Rio de Janeiro em 1929. “Além de tentar resolver o problema da raça e do sanitarismo, médicos, como representantes momentâneos do pensamento das classes dominantes, estavam preocupados também com a reprodução da força de trabalho”. (STEPAN, 2004, pág. 116).

No estudo de Vanderlei Sebastião de Vanderlei Souza, Doutor em História das Ciências, em uma publicação da Casa de Oswaldo Cruz em 2012, pontua que os primeiros passos do movimento eugênico no Brasil teriam se confundido com o discurso médico-sanitarista. Além dos “Annaes de Eugenia”, cujo conteúdo era amplamente dirigido às questões sanitárias e do meio social. As primeiras obras sobre eugenia, destaca o autor, estariam associadas ao ideário proposto pelo movimento sanitaria.

O autor reforça o fato de que no ano de 1918 Monteiro Lobato publica em conjunto com a Sociedade Eugênica de São Paulo, o livro “O problema Vital”, sua primeira obra sobre saneamento e eugenia. Em 1920 Belisário Penna escreve “O Exército e o Saneamento”, em prol da divulgação da eugenia no Brasil. Deste modo, como argumenta a historiadora Nancy Etepan, estrutural e cientificamente, a eugenia brasileira era congruente, em termos gerais, com as ciências sanitárias, e alguns simplesmente a interpretavam como um novo ramo da higiene (STEPAN, idem 348).

O que possibilitava a união entre a eugenia e as ideias higiênico-sanitárias, quando não a sua inconfundível associação, foi o fundo neolamarckista e sua convicção na transmissão dos caracteres adquiridos. Do mesmo modo os eugenistas brasileiros valeram-se também de uma certa tradição ambientalista que desde o século XIX já contagiava o pensamento social e científico nacional. Em linhas gerais, os eugenistas entendiam que o ponto de partida de seus estudos deveria iniciar com as questões relativas às influências do meio sobre a saúde e a “raça nacional”, já que a eugenia deveria prestar-se ao aprimoramento do meio. (SOUZA, 2012, pág. 8).

No Brasil, como argumentava Renato Kehl em 1920, a preocupação máxima deveria ser sanear e eugenizar, uma vez que o país estaria completamente infestado por inúmeras endemias como a paludica, a moléstia de Chagas, helmithoses, a syphilis, o trachoma, acarretando e degeneração rápido do nosso povo (KEHL, 1920, pág. 5).

Vanderlei Souza aponta ainda que, inspirados nas orientações neolamarckistas, os eugenistas entendiam que as doenças venéreas, a tuberculose,

o alcoolismo, a nicotina e outras drogas e infecções, os chamados venenos raciais, poderiam degenerar a prole de pais portadores destes males. O alcoolismo, considerado o grande inimigo da raça, era visto pelo médico, escritor e higienista Afrânio Peixoto como uma das principais causas da degeneração racial. Para ele os filhos de alcoólatras nasciam defeituosos e predispostos desde a infância, às várias doenças, à loucura, à delinquência e à criminalidade (apud STEPAN, 2004, 350) (SOUZA, 2012, pág. 9).

O autor reforça que a aproximação da eugenia com o ideário sanitaria possuía uma clara posição política de introdução da eugenia no cenário intelectual brasileiro. O discurso atraía não somente a atenção dos sanitaria para movimento eugênico, mas também os setores reformistas ligados às elites nacionais.

(...) como a eugenia dos anos 1910 e 1920 se confundia com as ideias sanitaria, sempre que os eugenistas falavam em regeneração racial, utilizavam termos como limpeza racial, saneamento racial, ou higiene racial. Segundo o historiador José Roberto Franco Reis, o uso da raça entre os intelectuais sempre sofreu um certo transbordamento semântico que, segundo o autor, decorria da influência que sofriam das concepções biológicas neolamarckistas. Essa tradição de pensamento científico e social levava os brasileiros a crer na ideia de uma raça formada artificialmente ou historicamente, produto de uma interação singular entre o meio físico, a raça e as condições sociais/culturais. (REIS, 1999, pag.46). (SOUZA, Vanderlei, 2006, pág. 10).

Para Vanderlei Souza o discurso eugênico brasileiro chegou na década de 1930 com grande vigor, preparado para alçar voos mais ousados através da eugenia negativa que vinha mobilizando o norte da Europa e os Estados Unidos. Para ele, em um contexto nacional, a Revolução de 1930 instalaria um ambiente político e ideológico que contribuiria para estimular a propaganda eugênica, devido especialmente à centralidade atribuída ao tema da imigração e da formação da nacionalidade.

O governo Vargas também teria assumido posições no que diz respeito à questão racial, permitindo que os eugenistas se sentissem estimulados a formular um ideário mais radical de eugenia do país. Além das campanhas em favor da seleção imigratória, também havia um debate mais amplo em torno da aprovação de leis sobre a obrigatoriedade do exame pré-nupcial e da implantação da educação eugênica nas escolas públicas, conforme estabelecia a constituição de 1934. Neste período, os eugenistas passaram a fazer seguidas campanhas até mesmo em favor da esterilização dos inadequados conforme era possível observar nas páginas de periódicos como o Boletim de Eugenia (SOUZA, 2012, pág. 16).

3 A VIDA E A OBRA DE EUCLIDES DA CUNHA

É importante neste trabalho, ao tratar sobre a obra de Euclides da Cunha, relatar a sua trajetória de vida, posição política, interpretação sobre a sociedade e do meio em que conviveu para escrever “Os Sertões”. Um jornalista que no exercício de sua profissão modifica o pensamento de um país sobre o que realmente estava acontecendo no sertão nordestino. Um homem do seu tempo que transforma, através das letras, a realidade até então desconhecida pela população brasileira.

Numa das últimas correspondências – sete dias antes de sua morte – Euclides da Cunha fez um desabafo e acabou por nomear sua desilusão mais profunda. É evidente que já está às voltas com a tragédia pessoal que acabou com sua vida, mas o conteúdo dessa correspondência não passa por inventariar seu drama familiar. Muito pelo contrário: seu foco de desilusão é a política (ALMEIDA, 2009, pág.1).

Euclides da Cunha ingressa no ano de 1886 na Escola Militar da Praia Vermelha na capital do país, Rio de Janeiro, reconhecida na época como o centro de irradiação de ideias positivistas e republicanas. Na oportunidade foi aluno de Benjamin Constant, professor de cálculo, positivista não ortodoxo, um dos líderes do golpe da Proclamação da República.

Acabou sendo desligado da carreira militar em dezembro de 1888 por insubordinação. O comandante da Escola, general Clarindo de Queirós, teria proibido os cadetes de participarem de atos ao propagandista republicano Lopes Trovão, que voltava ao Rio depois de uma temporada na Europa. Para ele, o ambiente na Escola Militar era de insatisfação e rebeldia, seja por causa das simpatias republicanas dos cadetes, ou pela ausência de promoções para o posto de alferes-aluno desde 1885, devido aos cortes no orçamento do Ministério da Guerra nos últimos anos da monarquia.

Roberto Ventura ressalta que o futuro autor de “Os Sertões” teria sido o centro de uma controvérsia que se somou aos muitos atritos desde o ano de 1884 entre o Exército e o Governo, sobre o direito dos militares de darem livre expressão às suas ideias.

Alegando incapacidade física, Euclides da Cunha foi desligado do Exército após interferência de seu pai junto ao Imperador para que não fosse aplicada a pena de enforcamento prevista no código militar.

Euclides ganhou certa notoriedade com o incidente. Foi convidado por Júlio Mesquita, para escrever coluna política nas páginas de “A Província de São Paulo”, que deu origem ao atual Estado de São Paulo, então engajado na causa republicana. Estreou na imprensa diária com artigos de proselitismo político, em que atacava o Imperador e a família real e pregava a necessidade de revolução política (VENTURA, 1996, pág. 277).

Euclides da Cunha retorna ao Exército após a proclamação com o apoio do Major Sólon e de seus colegas da Escola Militar. Como medida, encaminharam um pedido de reintegração a Benjamin Constant, seu antigo professor, ministro da Guerra do governo provisório.

Matriculou-se em janeiro de 1890 na Escola Superior de Guerra e prestou exames para concluir o curso de artilharia. Foi promovido a Segundo-Tenente cinco meses após a proclamação, beneficiado pela política de rápidas promoções para os cadetes e jovens oficiais próximos a Deodoro. Concluiu o curso de Estado-Maior e engenharia em janeiro de 1892, quando se formou bacharel em matemática e ciências físicas e naturais. Recebeu a promoção a Primeiro-Tenente, seu último posto na carreira.

Conforme citação no texto, Euclides da Cunha defendia, pela imprensa, a legalidade do governo do Marechal Floriano, envolvido na controvérsia jurídica sobre a legalidade de seu mandato como vice-presidente, momento em que escrevia não mais como revolucionário, mas como situacionista.

Via na permanência de Floriano Peixoto no poder a possibilidade de consolidação da República. “Mostrava-se favorável, em artigos publicados no Estado em março de 1892, a uma política conservadora, capaz de garantir o estabelecimento da ordem. Atacou os opositores de Floriano que comparava aos camponeses rebeldes de Vendéia”. (VENTURA 1996 pág.282).

Euclides da Cunha pediu licença do Exército no ano de 1895 e retornou no ano seguinte no posto de tenente. Trabalhou como engenheiro estadual em São

Paulo até 1904 e como chefe da expedição ao Purus e cartógrafo do Itamaraty de 1904 a 1909.

Enfrentou, conforme assegura o autor, inúmeras dificuldades trazidas pelas sucessivas viagens e pelos limitados vencimentos que mal cobriam o orçamento doméstico. Encontraria colocação profissional estável, com residência fixa, quando ingressou no Colégio Pedro II, então Ginásio Nacional como professor de lógica pouco antes de sua morte.

A crítica de Euclides aos desvios da política republicana se radicalizou em *Os Sertões*, publicado em 1902, em que acusou os governos federal e estadual e sobretudo o Exército pelo genocídio dos habitantes de Canudos. Narra a guerra de Canudos, travada no sertão da Bahia de novembro de 1896 a outubro de 1897, cujos momentos finais presenciara, cinco anos antes, como correspondente. O livro surpreendeu tanto pelo cuidado estilístico e literário, com uma escrita altamente expressiva e imagética, quanto pela amplitude dos assuntos tratados. Além de relatar a guerra, o engenheiro-escritor mostrava ambições de historiador e de cientista, abordando o clima e a vegetação do semiárido, a raça, o homem e os costumes do sertão, a formação de Canudos e a biografia do Conselheiro. Discutia ainda a fundação da República por meio de um golpe militar e os problemas que tal origem trouxera ao novo regime. Criticava, de forma aguda, quer o militarismo dos primeiros governos, quer o liberalismo artificial de uma Constituição que as elites civis violentavam por meio de fraudes, manipulações eleitorais (VENTURA, 1996, pág. 284).

Euclides da Cunha teria criticado, de acordo com Ventura, a ação do Exército no interior da Bahia contra os seguidores do Antônio Conselheiro. A guerra teria prolongado, para ele, a desordem criada por Floriano para combater a Revolta da Armada. Para tanto, Canudos teria sido o resultado da instabilidade dos primeiros anos de uma República decretada de improviso e introduzida como herança inesperada ou civilização de empréstimo, que copiava os códigos europeus.

“Sua visão da República resultou de uma longa e sofrida reelaboração, em que deixava transparecer certa dose de culpa ou remorso pelo silêncio cúmplice a que precisou se submeter. Tanto em *Os Sertões*, como nos ensaios *A Esfinge* e *O Marechal de ferro*, em que criticou o autoritarismo político de Floriano, irrompe uma escrita represada e remoída, que só pôde ser traçada sob a luz fria da reflexão, depois de extintos os fatos e muitos de seus personagens. Defrontou-se, no calor da hora, com a impossibilidade de erguer a voz ou de bramir a pena contra os desmandos de um regime político, em que desapareciam os contornos entre heróis e bandidos, entre civilização e barbárie”. (VENTURA, 1996, pág. 285).

Ao realizar a cobertura jornalística sobre a Guerra de Canudos, Euclides da Cunha teria silenciado sobre o horror do que acontecia em campo. Teria ficado inerte pelo uso da máquina de propaganda da imprensa e do governo. Contribuiu ao

escrever artigos exaltados que se encerravam com os brados patrióticos de viva a República ou a República é imortal. Passa por quatro anos, após o fim da guerra, preenchendo centenas de folhas de papel com sua letra minúscula, para descrever o caos que presenciou e superando o vazio trazido sob o impacto da região assustadora.

O autor pontua em seu texto que a violência do conflito teria ultrapassado todos os limites morais que Euclides da Cunha podia suportar. Passou fome e enfrentou privações. No cenário descrito pelo autor de “Os Sertões” haviam vítimas dos dois lados, de soldados ou canudenses. Também presenciou atrocidades que eram praticadas contra os prisioneiros que foram degolados e mulheres e crianças que foram estupradas ou traficadas. A violência teria gerado, na época, a eclosão de sua crítica à República contra a denúncia da Guerra de Canudos, e o projeto, depois interrompido, de escrever um livro sobre a Revolta Armada.

Euclides abandonou o livro sobre a revolta quando foi nomeado pelo Barão do Rio Branco, em 1904, para chefiar a expedição de reconhecimento do Alto Purus, na fronteira entre o Acre e o Peru. Sua atenção intelectual se voltou então para a Amazônia, assunto de outra obra também inacabada, com o título de “Um paraíso perdido. (VENTURA, 1996, pág. 287).

Roberto Ventura ressalta em seu trabalho que Euclides teria sido um eterno insatisfeito com as condições materiais e intelectuais do exercício de suas atividades profissionais. Além de entrar em choque com as determinações dos chefes ou superiores, ressentia-se com toda e qualquer ocupação que lhe roubasse o tempo que gostaria de dedicar à leitura e à escrita. “Arrastou consigo a incômoda contradição entre a face pública de escritor consagrado e a busca inglória de emprego mais propício à atividade literária”. (VENTURA, 1996, pág. 287).

Euclides da Cunha entrou na campanha jornalística de Canudos com os artigos “A Nossa Vendeia”, o primeiro a ser publicado no Estado de São Paulo, fazendo coro com o conteúdo de que Canudos era outra tentativa de restauração monárquica. Era um artigo sem nenhuma informação relevante, mas que bradava à alma moderna e civilizadora, à ciência e ao conhecimento – tentava dar sentimento de valor à batalha contra Conselheiro no interior da Bahia. Terminava plenamente integrado ao espírito do momento: “nesta hora admirável de bravura e abnegação – os soldados da República. (CUNHA, apud. GALVÃO, 2000, pág. 59).

Para Luiz Alberto Scotto de Almeida, Euclides da Cunha foi a voz quase unânime expressa nos jornais que apontavam os responsáveis pela Guerra de

Canudos como os mesmos da Revolução Federalista do Rio Grande do Sul e da Revolta da Armada dos monarquistas tentando restaurar o antigo regime. “A velha ameaça do terceiro reinado aparecia novamente como explicação para a reação contrária ao regime republicano”. (ALMEIDA, 2011, pág. 3).

Euclides da Cunha seguiu para Canudos como correspondente de guerra do jornal O Estado de São Paulo, veículo de comunicação que era o porta-voz dos cafeicultores paulistas, produzindo uma cobertura jornalística adequada à visão dos militares. “É interessante observar que no fim da guerra, quando fica claro que não existem monarquistas envolvidos em Canudos, a direção do jornal perdeu o interesse em publicar o livro Os Sertões que, afinal, havia sido o principal objetivo de enviar Euclides da Cunha” (ALMEIDA, 2009, pág. 3). Já Ricardo de Oliveira aponta que:

Sabe-se que a visão de mundo do homem que chegou no alto-sertão da Bahia, com a incumbência de noticiar para um periódico sulista os derradeiros momentos do massacre dos sertanejos de Antônio Conselheiro, estava profundamente mergulhada nos pressupostos e preconceitos advindos do credo cientificista, isto é: evolucionismo, determinismos climático e biológico e, de uma forma mais geral, do positivismo. Por esse caminho, o conceito de sertão era compreendido da forma mais pejorativa possível, desqualificando a terra e a humanidade a ela relacionada, reconhecendo neles a impossibilidade de qualquer desenvolvimento rumo à civilização. Euclides, como boa parte dos intelectuais contemporâneos, compartilhava destas ferramentas mentais que possibilitaram uma maior compreensão da realidade do país. O sertão era percebido como território da barbárie, tal como o conceberam, na primeira metade do século, a elite imperial e o olhar estrangeiro, marcadamente ilustrado. A ideia de sertão sintetizava a representação do outro indesejado e distante, símbolo daquilo que não se poderia conceber como nacional (OLIVEIRA, 2002, pág. 2).

Segundo o autor, no artigo “Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo”, os intérpretes da vida literária do período teriam conceituado o autor como uma personalidade avessa ao cosmopolismo e agitação que a sociedade carioca vivia naquele momento, ou seja, um curioso contraste à personalidade de um intelectual tão aferrado defensor dos mais altos ideais do progresso e da civilização.

[...] o que se conclui é que o pensamento do jovem Euclides da Cunha ajusta-se perfeitamente ao que se discute sobre o Romantismo de raiz rousseauiana, tanto no que se refere à sua nostalgia da natureza, idealizando harmonia e paz com o mundo natural, mas também quanto ao tom declamatório, muito comum aos padrões estéticos do romantismo. Outros exemplos desse Euclides romântico podemos encontrar nas

pequenas, poucas e esteticamente inconscientes incursões que este fez pelo campo do lirismo (OLIVEIRA, 2002, pág. 3).

Para Ricardo Oliveira, não se pode afirmar que antes da experiência de Canudos, Euclides da Cunha e os intelectuais da época já haviam formalizado a mitologia da brasilidade sertaneja.

No próprio pensamento euclidiano este processo – a convivência do sertão com a nação – era extremamente conflituosa. Porém, do interior desta mesma cultura se erguerá uma outra imagem do sertão. Na linha de frente desta metamorfose encontramos Euclides da Cunha e seu livro, simbolizando o momento de maior tensão na inflexão sofrida no interior do imaginário [...] apesar do conflito interno à estrutura do livro, nos três pontos em que a narrativa do livro está encadeada, percebe-se tacitamente as construções imaginárias, inicialmente de uma espacialidade nacional, em seguida o estabelecimento de um tipo étnico que encarnasse a nação, o sertanejo, e enfim, no momento da luta, o conflito mais grave que é o reconhecimento de que, a grosso modo, a República, elemento que até então simbolizava de alguma maneira a ideia de nacionalidade, na cabeça do jornalista Euclides da Cunha presente no ocaso da tragédia, acabou sendo o algoz dos que são os primevos e essenciais brasileiros. (OLIVEIRA, 2002. pág. 5).

O autor aponta que a partir da obra de Euclides da Cunha percebe-se a delimitação do conceito de sertão articulado à região Nordeste, ou seja, nota-se algo mais significativo, o processo de identificação básica da ideia de sertão com a simbologia referente ao deserto.

Desta forma, o mestiço do litoral – o mulato, teria sido, conforme Ricardo Oliveira, o fruto do cruzamento entre brancos e negros, e caracterizado como este mestiço degenerado e fraco, fadado a desaparecer, fruto de um processo histórico distinto; o ser híbrido formado sob o sol dos sertões interiores da terra adquirida, ao longo de séculos. Uma feição própria, distinta e positiva. Numa das passagens mais conhecidas do livro:

Porque ali ficaram, inteiramente divorciados do resto do Brasil e do mundo, murados a leste pela Serra Geral, tolhidos no ocidente pelos amplos campos gerais, que se desatam para Piauí e que ainda hoje o sertanejo acredita sem fins.

O meio atraia-os e guardava-os.

As estradas de um lado da meridiana, impróprias à dispersão, facilitavam antes o entrelaçamento dos extremos do país. Ligavam-nos no espaço e no tempo. Estabelecendo no interior a contiguidade de povoamento, que faltava ainda em parte na costa, e surgindo entre os nortistas, que lutavam pela autonomia da pátria nascente, e os sulistas, que lhe alargavam a área, abastecendo-os por igual com as fartas boiadas que subiam para o vale do rio das Velhas ou desciam até a cabeceiras do Parnaíba, aquela rude

sociedade, incompreendida e olvidada, era o cerne vigoroso de nossa nacionalidade.

Raça forte e antiga, de caracteres definidos e imutáveis mesmo nas maiores crises – quando a roupa de couro do vaqueiro se faz a armadura flexível do jagunço – oriunda de elementos convergentes de todos os pontos, porém diversa das demais deste país, ela é inegavelmente um expressivo exemplo do quanto importam as reações do meio. Expandindo-se pelos sertões ou próximos, de Goiás, Piauí, Maranhão, Ceará e Pernambuco, tem um caráter de originalidade completa expresso mesmo nas fundações que erigiu (CUNHA, 1996, pág. 34).

Em sua obra Euclides da Cunha ressalta que o sertão é o lugar do esquecimento, onde a brasilidade teria se forjado protegida da degradação e estrangeirismo do litoral. Um local onde o Brasil seria profundo e autêntico. Onde a mitologia sertaneja emerge como representação possível do sonho rural, a arcádia, a terra, fonte redescoberta de toda verdade e de todo renascimento.

Neste lugar houve a gestação do primeiro e puro brasileiro, aquele que, como Adão, foi a árvore progenitora de todos os outros homens. O sertão, curiosa e contraditoriamente, firma-se como terra perdida. Sua imagem desertificada transforma-o no lugar das provações e martírios mais profundos. E, portanto, além de ter gerado o primeiro brasileiro, gerou um ente quase sobrenatural, um homem sublime. (CUNHA, 1996, pág. 34).

A efeméride da guerra, para Ricardo Oliveira, apesar de ser a parte mais longa de Os Sertões, aponta para o fato de que a civilização de empréstimo, teria cometido segundo o próprio Euclides da Cunha, um grande erro de avaliação e que a loucura e a barbárie, na verdade, existiram dos dois lados, como forças centrífugas a condenar toda aquela gente à morte. “No substrato da narrativa persiste, porém, a contradição estrutural do livro que é a de, ao mesmo tempo em que adjetiva o sertanejo como cerne da nacionalidade, o cientista, preso aos grilhões de seu credo, em vários momentos não consegue escapar dos preconceitos” (Oliveira, 2002, pág. 8).

Ricardo Oliveira ressalta, ainda, que as esperanças em um país melhor, civilizado, soberano e que trilhasse os rumos do progresso teria sido compartilhada por uma geração de intelectuais, militantes como ele por esta utopia. Reforça, porém, que Euclides da Cunha foi alguém que, muito além das contradições de seu pensamento, vivenciou o Brasil de forma radical, profunda e na mesma medida, da maneira mais angustiante possível.

Neste país não há mais vitórias... Derrota e esborrachamento em toda a linha, de Cucuí à Lagoa dos Patos. Felizmente nas entrelinhas da tua carta

vejo-te o mesmo – o mesmo fino psicológico, ligeiramente ferino e sutil, incapaz de se enlear nos fiapos das preocupações eleitorais. Ainda bem.

Porque afinal, és como, um dissidente. Dissentimos, antes da cisão, de tudo isto – e nenhum de nós se pode escravizar a uma bandeira, porque a nossa oposição tem motivos superiores aos considerados vulgares dos manifestozinhos que por aí expluem.

(...) E se como eu, pensas que somos desventurados numa farsa lastimavelmente triste; e julgar como eu julgo, que é organicamente inviável; e se, comigo chegaste – rigorosamente, como no final do teorema – à conclusão desanimadora de que chamamos política a uma grande conspiração contra o carácter nacional – se tudo isto é exato, estamos ainda formados, juntos, na mesma linha avançada e superior dos cépticos que ao menos não terão desapontamentos e desilusões. (CUNHA, pág.50).

Citando o texto acima, Ricardo Oliveira destaca a presença do Euclides militante, homem que de alguma forma queria trabalhar pela construção da Nação Republicana e se via em plenas condições de se embrenhar nos sertões e trabalhar pela pátria. Dez anos depois, durante uma viagem ao Amazonas, cumprindo missão diplomática, novamente dá um depoimento do mesmo tipo. “Considerava-se um bandeirante, um filho da roça, que se mostrou bastante animado antes de partir para os sertões da Amazônia, pois achava que seria possível levar adiante este ideal, porque não desejava a Europa, o Bulevar, os brilhos de uma posição, desejava o sertão a picada malograda, a vida afanosa e triste de pioneiro (...)”. (OLIVEIRA, 2002, pág. 11).

4 OS SERTÕES E A EUGENIA NO TEXTO DE EUCLIDES DA CUNHA

Chega o momento de trabalharmos a obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha, um mundo desconhecido até então dentro do Brasil. É justamente neste novo contexto que o autor leva, por meio de seu trabalho como jornalista do jornal O Estado de São Paulo, a vida e o sofrimento de um povo esquecido por todos, inclusive da própria sorte, para a história nacional. Da vida e da obra de Antônio Conselheiro, homem com fé inabalável que, como um grande messias, conduziu seu povo.

Neste capítulo podemos, através dos trechos do próprio autor, analisar seu ponto de vista e sua visão de um povo que dentro do tema eugenia tornava-se um prato cheio para discussões e interpretações. Caracterizado por ele como incapaz e longe de ser o brasileiro ideal, o jagunço que teria tudo para não dar certo.

Convindo em que o meio não forma as raças, no nosso caso especial variou demais nos diversos pontos do território as dosagens de três elementos essenciais.

Preparou o advento de sub-raças diferentes, pela própria diversidade das condições de adaptação. Além disso (é hoje fato inegável), as condições exteriores atuam gravemente sobre as próprias sociedades constituídas, que se deslocam em migrações seculares aparelhadas embora pelos recursos de uma cultura superior.

Se isto se verifica nas raças de todo definidas abordando outros climas, protegidas pelo ambiente de uma civilização, que é como o plasma sanguíneo desses grandes organismos coletivos, que não diremos da nossa situação muito diversa?

Neste caso – é evidente – a justaposição dos caracteres coincide com íntima transfusão de tendências e a longa fase de transformação correspondente erige-se como período de fraqueza nas capacidades das raças que se cruzam, alteando o valor relativo da influência do meio. Este como que estampa, então, melhor, no corpo em fusão, os seus traços característicos. Sem nos arriscarmos demais a paralelo ousado, podemos dizer que para essas reações biológicas complexas, ele tem agentes mais enérgicos que para as reações químicas da matéria.

Ao calor à luz, que se exercitam em ambas, adicionam-se então, a disposição da terra, as modalidades do clima e essa espécie de força catalítica misteriosa que difundem os vários aspectos da natureza.

Entre nós, vimo-lo, a intensidade destes últimos está longe da uniformidade proclamada. Distribuíram, como o indica a história de modo diverso, as nossas camadas étnicas, originando uma mestiçagem dissímil. Não há um tipo antropológico brasileiro”. (CUNHA, 2002, pág. 120).

4.1 Homens de guerra e sem lares

Euclides da Cunha aponta que os forasteiros que habitavam àquelas terras eram, ademais, de molde para essa mistura em larga escala. Homens de guerra, sem lares, afeitos à vida solta dos acampamentos ou degredados e aventureiros corrompidos. A mancebia com as caboclas descambou logo em franca devassidão, de que nem o clero se isentava. O padre Nóbrega definiu bem o fato na célere carta ao rei (1549) em que, pintando com ingênuo realismo a dissociação dos costumes, declara estar o interior do país cheio de filhos de cristãos, multiplicando-se segundo os hábitos gentílicos.

Achava conveniente que lhe enviassem órfãs, ou mesmo mulheres que fossem erradas, que todas achariam maridos, por ser a terra larga e grossa. A primeira mestiçagem fez-se, pois, nos primeiros tempos, intensamente, entre o europeu e o silvícola. Desde cedo, di-lo Casal, os tupiniquins gentios de boa índole, foram cristianizados e aparentados com os europeus, sendo inúmeros os brancos naturais do país com casta tupiniquina (CUNHA, 2002, pág. 122).

4.2 A gênese do mulato

O mulato, figura histórica dentro da construção de um Brasil miscigenado, onde a mistura do branco com o negro africano deu origem a uma raça que nasceu para trabalhar e viver sem folga nas mais diferentes atividades junto as propriedades. Sofrido pelo tempo de trabalho e pela cor, serve apenas como apêndice para proporcionar mão de obra a um Brasil que estava voltado para a monocultura, ou seja, o serviço pesado.

Assim a Gênese do mulato teve uma sede fora do nosso país. A primeira mestiçagem com o africano operou-se na metrópole. Entre nós, naturalmente, crescemos. A raça dominada, porém, teve, aqui, dirimidas pela situação social, as faculdades de desenvolvimento. Organização potente afeita à humildade extrema, sem as rebeldias do índio, o negro teve, de pronto, sobre os ombros toda a pressão da vida colonial.

Era a besta de carga adstrita a trabalhos sem folga. As velhas ordenações, estatuindo como se podem enjeitar os escravos e bestas pôr os acharem doentes ou mancos, denunciam a brutalidade da época. Além disso – insistíamos num ponto incontroverso – as numerosas importações de escravos se acumulavam no litoral. A grande tarja negra debruava a costa da Bahia ao Maranhão, mas pouco penetrava o interior. Mesmo em franca revolta, o negro humilde feito quilombola temeroso, agrupando-se nos mocambos, parecia evitar o âmagô do país. Palmares, com seus trinta mil mocambeiros, distava, afinal poucas léguas da costa.

Na última a uberdade da terra fixava simultaneamente dois elementos, libertando o indígena. A cultura extensiva da cana importada da madeira, determinara o olvido dos sertões. Já antes da invasão holandesa, do Rio Grande do Norte à Bahia havia cento e sessenta engenhos. E esta exploração, em dilatada escala, progrediu depois em rápido crescendo.

O elemento africano de algum modo estancou nos vastos canaviais da costa, agrilhado à terra e determinando cruzamento de todo diverso do que se fazia no recesso das capitanias. Aí campeava, livre, o indígena inapto ao trabalho e rebelde sempre, ou mal tolhido nos aldeamentos pela tenacidade dos missionários. A escravidão negra, constituindo-se derivativo ao egoísmo dos colonos, deixava aquelas mais desembaraçados que no sul (...) (CUNHA, 2002, págs.125 e 126).

4.3 Os jagunços: colaterais prováveis dos paulistas

De acordo com Euclides da Cunha, citando Pedro Taques, foi grande o número de famílias de São Paulo que por várias migrações procuraram os rincões longínquos. Aceita ele o conceito de um historiógrafo de que o vale do São Francisco, povoado de paulistas e de seus descendentes desde o século XVIII, teria se tornado destes uma colônia quase exclusiva.

É natural por isto que Bartolomeu Bueno, ao descobrir Goiás, visse, surpreendido, sinais evidentes de predecessores, anônimos pioneiros que ali tinham chegado, certo, pelo levante, transmontando a serra de Paraná; e que ao se reabrir em 1697 o ciclo mais notável das pesquisas do ouro, nas agitadas e ruidosas vagas de imigrantes, que rolavam dos flancos orientais as Serra do Espinhaço ao talvegue do rio das Velhas, passassem mais fortes talvez, talvez precedendo as demais no descobrimento das minas do Caeté, e sulcando-as de meio a meio, e avançando em direção contrária como um refluxo promanado do norte, as turmas dos baianos, termo que, como o de paulista se tornara genérico no abranger os povoadores setentrionais. (CUNHA, 2002, pág. 132).

4.4 O vaqueiro

Descrevendo a figura do vaqueiro, Euclides da Cunha aponta que havia se formado no vale médio do grande rio uma raça de cruzados iguais aos mamelucos que tinham nascidos no estado de São Paulo.

(...) admitindo que este tipo de paulista que surge e decai no sul numa degeneração completa ao ponto de declinar no próprio território que lhe deu o nome, ali renascesse e, sem os perigos das migrações e do cruzamento, se conservasse prolongando, intacta, ao nosso tempo, a índole varonil e aventureira dos avós". (CUNHA, 2002, pág. 133).

O autor de Os Sertões ressalta que os vaqueiros ficavam divorciados do resto do Brasil e do mundo, murados a leste da Serra Geral, tolhidos no ocidente pelos

amplos campos gerais, que se desatam para o Piauí e que ainda hoje o sertanejo acreditava sem fins.

As entradas de um outro lado da meridiana, segundo ele, impróprias à dispersão, facilitavam antes a união dos extremos do país, ligando no espaço e no tempo e estabelecendo no interior a continuidade do povoamento que faltava ainda em parte na costa. Surge, desta forma, de acordo com ele, entre os nortistas que estariam lutando pela autonomia da pátria e os sulistas que lhe alargavam a área, abastecendo-os por igual com boiadas que subiam para o vale do rio das Velhas ou desciam até as cabeceiras do Parnaíba, aquela rude sociedade, incompreendida e olvidada, era o cerne vigoroso da nossa nacionalidade. “Os primeiros sertanistas que a criaram, tendo suplantado em toda a linha o selvagem, depois de o dominarem escravizaram-no e captaram-no, aproveitando-lhe a índole na nova indústria que abraçavam (...). (CUNHA, 2002, pág. 133).

Euclides da Cunha ressalta em sua obra que em toda a orla do sertão dos Canudos havia se estabelecido desde o alvorecer da nossa história um grande povoamento em que sobressaía o aborígine amalgamando-se ao branco e ao negro, sem que estes se avolumassem ao ponto de dirimir a sua influência inegável.

Ora, toda essa população perdida num recando dos sertões, lá permaneceu até agora, reproduzindo-se livre de elementos estranhos, como que insulada, e realizando, por isso mesmo a máxima intensidade de cruzamento uniforme capaz de justificar o aparecimento de um tipo mestiço bem definido, completo. (CUNHA, 2002, pág. 138).

Citando o vaqueiro, Euclides da Cunha aponta que este teria se criado em condições opostas, em uma intermitência, raro, perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abundância e misérias, tendo o sol na cabeça, como ameaça perene, arrastando de envolta no volver das estações periódicos sucessivos de devastações e desgraças. O fato de um homem que teria atravessado a sua mocidade numa sequência de catástrofes. Tornou-se homem antes de ser criança.

Salteou-se, logo, intercalando-lhe agruras nas horas festivas da infância, o espantinho das secas no sertão. Cedo encarou a existência pela sua face tormentosa. É um condenado à vida. Compreendeu-se envolvido em combate sem tréguas, exigindo-lhe imperiosamente a convergência de todas as energias. Fez-se forte, esperto, resignado e prático. Apresentou-se, cedo, para a luta. (CUNHA, 2002, pág. 151).

O seu aspecto recorda, à primeira vista, o do guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta, apertado no colete de couro, calçando as perneiras, de couro curtido, ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola, e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado – é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo. (CUNHA, 2002, pág. 151).

4.5 Um parêntesis irritante

A mistura de raças, especialmente pelas conotadas como inferiores, mostrava-se um grande problema pela inferioridade em que eram conotadas. A não miscigenação de raças puras denotaria de um retrocesso ou uma mestiçagem que não era bem vista pela sociedade e pelos autodenominados puros.

(...) A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas do inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia, exprimem estágios evolutivos que se fronteam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço – traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é quase sempre, um desequilibrado.

Foville compara-os, de um modo geral, aos históricos. Mas o desequilíbrio nervoso, em tal caso, é incurável: não há terapêutica para este embater de tendências antagônicas, de raças repentinamente aproximadas, fundidas num organismo isolado. (...) (CUNHA, 2002, pág. 142).

Para Euclides da Cunha, durante o curso deste processo redutor, os mestiços emergentes, variáveis, com todas as mudanças de cor, da forma e do caráter, sem feições definidas, sem vigor, e as mais das vezes inviáveis, nada mais são, em última análise, do que os mutilados inevitáveis do conflito que perdura imperceptível pelo correr das idades. Para ele é que neste caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas, mas sim esmaga-a pela civilização. “Ora, os nossos rudes patrícios dos sertões do norte forraram-se a esta última. O abandono em que fizeram teve função benéfica. Libertou-os da adaptação penosíssima a um estádio social superior e, simultaneamente, evitou que descambassem para as aberrações e vícios dos meios adiantados” (CUNHA, 2002, pág. 144).

4.6 Elementos inferiores

A fusão entre as raças, garante Euclides da Cunha, operou-se em circunstâncias mais compatíveis com os elementos inferiores. O fator étnico preeminente, transmitindo-lhes as tendências civilizadoras, não lhes impôs a civilização.

Este fato destaca fundamentalmente a mestiçagem dos sertões do litoral. São formações distintas, senão pelos elementos, pelas condições do meio. O contraste entre ambas ressalta ao paralelo mais simples. O sertanejo tomando em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir enrija o seu organismo potente, reflete, na índole e nos costumes, das outras raças formadoras apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social incipiente”. (CUNHA, 2002, pág. 144).

O Sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasimodo reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. (...) (CUNHA, 2002, pág. 146).

4.7 Xucro e deselegante

Conforme Euclides da Cunha, ao citar o homem do sertão, seria impossível descrever um cavaleiro mais xucro e deselegante, sem posição, de pernas coladas ao bojo da montaria, tronco pendido para a frente e oscilando à feição do andar dos pequenos cavalos do sertão, desferrados e maltratados, resistentes e rápidos como poucos. “Acompanha lentamente a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas, o vaqueiro preguiçoso quase transforma o campeão que cavalga na rede amolecedora em que atravessa dois terços da existência”. (CUNHA, 2002, pág. 148).

Ainda citando o sertanejo, o autor o descreve como um homem colado ao dorso do cavalo, confundindo-se com ele graças à pressão dos jarretes firmes, comparando-o a um centauro bronco que emerge nas clareiras, mergulha nas macegas altas, saltando valos e ipueiras, vingando cômoros alçados, rompendo, célere, pelos espinheirais mordentes, precipitando-se a toda brida, no largo dos tabuleiros, ostenta-se em toda a plenitude.

4.8 Gaúcho e o jagunço

Na obra “Os Sertões”, Euclides da Cunha faz uma análise entre duas figuras típicas, o gaúcho e o jagunço. Segundo ele não há como equipará-los na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos. O primeiro estaria caracterizado como filho dos plainos sem-fins, afeito às correrias fáceis nos pampas e adaptado a uma natureza carinhosa que o encanta, tendo uma feição mais cavalheirosa e atraente.

A luta pela vida não lhe assume o caráter selvagem da dos sertões do norte. Não conhece os horrores da seca e os combates cruentos com a terra árida e exsicada. Não o entristecem as cenas periódicas da devastação e da miséria, o quadro assombrador da absoluta pobreza do solo calcinado, exaurido pela adustão dos sóis bravios do Equador. Não tem, no meio das horas tranquilas da felicidade, a preocupação do futuro, que é sempre uma ameaça, tomando aquela instável e fugitiva. Desperta para a vida amando a natureza deslumbrante que o aviventa, e passa pela vida, aventureiro, jovial, disserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como uma diversão que lhe permite as disparadas, domando distâncias, nas pastagens planas, tendo aos ombros, palpitando aos ventos, o pala inseparável como uma flâmula vestimenta desdobrada. (CUNHA, 2002, pág. 150).

O gaúcho, na descrição de Euclides da Cunha, é um homem valente, certo, inimitável numa carga guerreira, precipitando-se ao ressoar estrídulo dos clarins vibrantes pelos pampas, com o conto da lança enristada.

Firme no estribo; atufando-se loucamente nos entreveros, desaparecendo, com um grito triunfal, na voragem do combate, onde aspadanan cintilações de espadas, transmudando o cavalo em projétil e varando quadrados e levando de rojo o adversário no rompão das ferraduras, ou tombando prestes, na luta em que entra com despreocupação soberana pela vida (CUNHA, 2002, pág. 153).

Ainda com relação ao jagunço, Euclides da Cunha destaca em sua obra que este seria uma figura menos heroica, mais tenaz e resistente, mais perigoso, forte e duro, em que raramente assume a feição romanesca e gloriosa.

Um personagem que procura o adversário com o propósito firme de o destruir, não importa quem for. Está afeiçoado aos prélios obscuros e longos, sem expansões entusiásticas. A sua vida é uma conquista arduamente feita, em faina diuturna. Guarda-a como capital precioso. Não desperdiça a mais ligeira contração muscular, a mais leve vibração nervosa sem a certeza do resultado. Calcula friamente o pugilato. Ao riscar da faca não dá um golpe em falso. Ao apontar a lazarina longa o trabuco pesado dorme na pontaria. Se, ineficaz o arremesso fulminante, o contrário não baqueia, o gaúcho, vencido ou pulseado, é fragilíssimo nas aberturas de uma situação inferior ou indecisa. O jagunço não recua, mas ao recuar é mais temeroso ainda. É um negacear demoníaco, O adversário tem, daquela hora em diante, visando-o pelo cano da espingarda, um ódio inextinguível, oculto no sombreado das tocais (CUNHA, 2002, pág. 154).

(...) assim, todo sertanejo é vaqueiro. À parte a agricultura rudimentar das plantações da vazante pela beira dos rios, para a aquisição de cereais de primeira necessidade, a criação de gado é, ali, a sorte de trabalho menos impropria ao homem da terra. Entretanto não há vislumbrar nas fazendas do sertão a azáfama festiva as estâncias do sul. Parar o rodeio é para o gaúcho uma festa diária, de que as cavalcadas espetaculosas são ampliação apenas (...). (CUNHA, 2002, pág. 154).

4.9 Servidão inconsciente

Euclides da Cunha ressalta que o mesmo não seria uma realidade ao norte, ou seja, uma situação diferente, já que ao contrário do estanceiro, o fazendeiro dos sertões vive no litoral, longe dos dilatados domínios que nunca viu, uma herança do velho vício histórico.

Como os opulentos sesmeiros da colônia, usufruem, parasitariamente, as rendas das suas terras, sem divisas fixas. Os vaqueiros são-lhes servos submissos. Graças a um contrato pelo qual percebem certa percentagem dos produtos, ali ficam, anônimos – nascendo, vivendo e morrendo na mesma quadra de terra – perdidos nos arrastadores e mocambos, e cuidando a vida inteira, fielmente, dos rebanhos que lhes não pertencem. (CUNHA, 2002, pág. 154).

(...) Não é mais o indolente incorrigível ou o impulsivo violento, vivendo às disparadas pelos arrastadores. Transcende a sua situação rudimentar. Resignado e tenaz, com a placabilidade superior dos fortes, encara de fato a fatalidade incoercível; e reage. O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre, perdidas tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surgem de uma luta que ninguém descreve – a insurreição da terra contra o homem. A princípio este reza, olhos postos na altura. O seu primeiro amparo é a fé religiosa (...) (CUNHA, 2002, pág. 168).

Euclides da Cunha pontua que não seria difícil caracterizá-las como uma mestiçagem de crenças, pois ali estão, francos, o antropismo do selvagem, o animismo do africano, o próprio aspecto emocional da raça superior na época do descobrimento e da colonização. Este último seria um caso notável de atavismo na história.

Estes estigmas tiveram entre nós, favoráveis, as reações do meio determinando psicologia especial. O homem dos sertões – pelo que esboçamos – mais do que qualquer outro está em função imediata da terra. Da consciência da fraqueza dependente no jogar dos elementos. Da consciência da fraqueza para debater, resulta, mais forte, este apelar constante para o maravilhoso, esta condição inferior de pupilo estúpido da divindade. (CUNHA, 2002, pág. 175).

(...) da extensa linha da brigada envolva-se um murmúrio vago de milhares de sílabas emitidas a meia-voz, aqui, ali, repentinamente salteadas de risos joviais. Os nossos soldados estadeavam o seu atributo preeminente

naquela alacridade singular com que se aproximavam do inimigo. Homens de todas as cores, amálgamas de diversas raças, parece que no sobreviver dos lances perigosos e no abalo de emoções fortíssimas, lhes preponderam, exclusivas, no ânimo, por uma lei qualquer de psicologia coletiva, os instintos guerreiros, a imprevidência dos selvagens, a inconsciência do perigo, o desapego à vida e o arremesso fatalista para a morte. Seguem para a batalha como para algum folgado turbulento. Intoleráveis na paz que os molifica, e infirma, e relaxa, inclassificáveis nas paradas das ruas, em que passam sem garbo, sem aprumo, corcundas sob a espingarda desastrosamente manejada, a guerra é o seu melhor campo de instrução e o inimigo o instrutor predileto, transmudando-os em poucos dias, disciplinando-os, enrijando-os, dando-lhes em pouco tempo, nos exercícios extenuadores da marcha e do combate, o que nunca tiveram nas capitais festivas – a altivez do porte, a segurança do passo, a precisão do tiro, a celeridade das cargas. Não sucumbem à provação. São inimitáveis no caminhar dias a fio pelos mais malgradados caminhos (...)” (CUNHA, 2002, pág. 341).

4.10 Mamelucos bravos

Euclides da Cunha pontua que se formaram ali os mamelucos bravos e diligentes interpostos tão a propósito, na quadra colonial, entre o torvelinho das bandeiras e do curso das missões, elemento conservador formando o cerne da nacionalidade e criando uma situação de equilíbrio entre o desvario das pesquisas mineiras e as utopias românticas do apostolado.

Ora, aqueles homens depois de esboçarem talvez a única feição útil da nossa atividade naqueles tempos, tiveram desde o começo do século XVIII, quando se desvendaram as lavras do rio de Contas à Jacobina, perigosos agentes que lhes não derrancaram o caráter varonil o nortearam a lamentáveis destinos. De feito, transmudaram-se em contato com os sertanistas gananciosos. Estes vinham, então, do oriente, espavorindo a ferro e fogo o selvagem e fundando povoados que, ao revés dos já existentes, não tinham o germe de uma fazenda de gado, mas as ruínas das malocas (...) (CUNHA, 2002, pág. 248).

5 OS SERTÕES NA VISÃO DE HISTORIADORES

Entramos na obra de Euclides da Cunha que transcreve, dentro de uma cobertura jornalística para os padrões da época, a vida do sertanejo, do homem açoitado pelo seu meio, pela sua vida sofrida e por um momento marcante na história do Brasil: a trajetória de Antônio Conselheiro.

De acordo com Gilvan de Oliveira, na sua resenha “Os Sertões: A construção do espaço no relato de Canudos”, o livro apresenta-se como uma obra completa, de difícil categorização. “Como diz Roberto Ventura (2003), podemos dar-lhe tanto um tratamento científico como também literário. Foi exatamente esse contraste que contribuiu para que Euclides da Cunha ingressasse em 1903 como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras”, (OLIVEIRA, 2009, pág. 1).

5.1 Narrativas de estilo barroco

O autor aponta, ainda que Roberto Ventura coloca Os Sertões como uma narrativa cujo estilo barroco toma conta do cenário narrativo. Esse estilo estaria configurado na própria estrutura da obra, pois afirma Ventura (2003), que estamos diante de uma obra que oscila entre a narrativa e o ensaio, entre a literatura e a história.

Gilvan de Oliveira aponta que o barroco aparece com excesso através de termos técnicos e profusão de imagens. “Esse tom exuberante está repleto de dissonâncias e antíteses, cuja singularidade advém da aliança em comum entre narrativa, história e ciência” (Ventura, 2003, pág. 202).

A obra, aponta ele, baseado no texto de Ventura (2003) estaria marcada por várias relações de contrastes, ou seja, o fanatismo e o misticismo, o soldado e o jagunço, o litoral e o sertão, a seca e a chuva, a República e Canudos.

“Apesar deste jogo de contrastes, o biógrafo argumenta que um é o reflexo do outro. Segundo ele, esse Barroquismo ainda é mais marcante no paralelo que Euclides faz entre o General Moreira César, comandante da 3ª expedição e Antônio

Conselheiro. Para Roberto Ventura, Moreira César é tão desequilibrado quanto Conselheiro, ambos refletiam a instabilidade dos primórdios da República”. (OLIVEIRA, 2009, pág. 2).

Gilvan de Oliveira garante que toda a poética do livro está baseada nas analogias que o autor de *Os Sertões* faz com relação a natureza, estabelecendo metáforas entre o sertão e o homem, a natureza e a guerra. Ventura lembra que a formação geológica da natureza, descrita por Euclides, seria uma analogia à formação das raças, de onde se originou o sertanejo, que é representado pelos elementos naturais da terra.

O jagunço é considerado, segundo o autor, um homem de ferro na Guerra de Canudos, formado a partir da mistura de três raças e do ambiente hostil que o fortificou. No plano metafórico, esse homem seria comparado à rocha granítica que Euclides chama “a rocha viva da nossa raça”. A analogia é feita devido à composição dos três minerais que formam essa rocha.

Com esse tipo de analogia, Euclides da Cunha estaria justificando as conquistas dos sertanejos na guerra. “Com isso o narrador está dizendo que o sertanejo está preparado para tudo, pois foi forjado no espaço de um ambiente difícil do sertão. Nesse sentido não fica difícil de entender a frase “O sertanejo é, acima de tudo, um forte”. (OLIVEIRA, 2009, pág. 3).

Citando Roberto Ventura, Gilvan de Oliveira destaca que a maior expressão do barroco na obra consta na natureza com as imagens e sombras que Euclides da Cunha estaria utilizando para fazer analogia à guerra. Para ele, o autor estaria compondo uma natureza tosca, cheia de contrastes e antecipando, meio que profeticamente, o desfecho da guerra. “Euclides projetou sobre as plantas da caatinga a tragédia de Canudos, inscrita na própria natureza, tendo visões de desfecho da guerra, com decapitações dos prisioneiros e o calvário dos resistentes, dizimados por fome, sede, doenças e pelas balas e projéteis do Exército”. (OLIVEIRA, 2009, pág. 3).

Gilvan de Oliveira defende que para escrever *Os Sertões*, Euclides da Cunha teria sido influenciado pelas ideias de Hippolyte Taine. Assim, Cunha tentou explicar

os fatores que conduziram à guerra numa concepção naturalista da história que era determinada pelos fatores: o meio, a raça e o momento. (...) “transpôs a obra vista de ótica apenas científica, para uma obra literária. Nesse momento, o livro sai do plano de apenas da descrição científica e entra no campo poético. Para explicar a relação de causa do outro, a ciência não é suficiente”. (OLIVEIRA, 2009, pág. 4).

O homem é a própria personificação da natureza. E a natureza a personificação da guerra. Como se um tivesse condicionado ao outro. A natureza é descrita por ele sobre a ótica das atitudes humanas dos sertanejos e as cenas da guerra. Isso fica evidente quando ele personifica na natureza algumas cenas da guerra como a vegetação com galhos retorcidos... que lembram coroas de espinhos e cabeças degoladas que permitem antever o martírio dos sertanejos (Ventura, 2003, pág. 201).

Para Euclides da Cunha na obra *Os Sertões* a natureza apresenta-se como metáfora do homem que nasce, vive e morre no sertão. O sertanejo trazia dentro dele a natureza impregnada no sangue, a personificação do sertão. Igualmente as plantas do sertão que reagem às atrocidades da seca, o sertanejo estaria reagindo contra as atrocidades da República.

No alto, mas longe, pelo teso da serra, reaparecem os sertanejos. Pareciam dispostos em duas sortes de lutadores: Os que agitavam, velozes, surgindo e desaparecendo, às carreiras, e os que permaneciam firmes nas posições alterosas ... De sorte, se alguma bala fazia baquear o clavinoteiro, substituía-o logo qualquer dos outros. Os soldados iam tombar, mas ressurgir, idestinto, pelo fumo, o mesmo busto, apontando-lhe a espingarda. Alvejavam-no de novo. Viam-no outra vez cair, de bruços baleado (...) (CUNHA, 1998).

Para Marta Bergamin Euclides da Cunha em seu livro estaria analisando cientificamente a geografia do sertão, a formação do sertanejo e um acontecimento da época, a Guerra de Canudos (1896 – 1897). “Incansavelmente tenta explicar e demonstrar tudo o que presencia nessa guerra que ocorre quando o Brasil tinha como presidente Prudente de Moraes, cujo mandato foi de 1894 a 1898”. (BERGAMIN, pág. 34).

A autora aponta que antes de escrever *Os Sertões*, Euclides da Cunha queria entender melhor os problemas do interior brasileiro e por este motivo viajou muito para conhecer mais sobre essa parte desconhecida do Brasil. Para ela um aspecto muito importante no livro é a denúncia, ou seja, estaria escancarando para todo o Brasil a horrível realidade da guerra, o extermínio de aproximadamente 25 mil pessoas. Sua obra então, antes de ser apenas um romance, torna-se uma denúncia

da crueldade da guerra e assumiria um caráter inovador para a época. “No início Euclides desejava apenas relatar a luta, contar o que vira em Canudos enquanto trabalhava para o jornal, mas não conseguiu manter-se apenas a esse tema e enriqueceu seu livro com denúncias e demonstrações de vários assuntos sobre o sertão nordestino”. (BERGAMIM, pág. 35).

Marta Bergamin ressalta que, quando Euclides da Cunha teria escrito os primeiros artigos sobre Canudos para o jornal O Estado de São Paulo, pontuava que a revolta no sertão, que tinha como líder Antônio Conselheiro, não passava de um movimento monarquista, mesmo não deixando de demonstrar sua preocupação com as terríveis condições de vida que o povo sertanejo levava.

Interpretava reação do povo como foco monarquista, deveu-se a influência que Euclides sofria com informações recebidas. Até então escrevia apenas sobre os dados que chegavam até ele, depois de passarem por um filtro no Rio de Janeiro. (Quem escreve a história de um país são os governantes e não o povo como muitos afirmam) Eram pessoas interessadas em acabar com Canudos, as filtradoras de informações que chegariam a Euclides. (BERGAMIM, pág. 35).

A autora garante que o Brasil teria conhecido a história da Guerra de Canudos porque Euclides da Cunha chegou até o local do conflito e viu de perto a guerra e o massacre, momento em que percebe que a revolta não teria iniciado porque Conselheiro era contra a República. Que o líder religioso não seria o monstro descrito pelas informações do comando das tropas. “Vencer Conselheiro havia se transformado num capricho dos republicanos que já não viam os sertanejos como brasileiros, mas sim como inimigos a serem vencidos”. (BERGAMIN, pág. 36).

Marta Bergamin destaca que Euclides da Cunha analisa a miscigenação de que provem o sertanejo e a que dá origem ao povo do litoral, seguindo a teoria de Spencer que parte do pressuposto de que não existe o homem em geral, mas sim o homem circunstancial.

É difícil traçar no fenômeno a linha divisória entre as tendências pessoais e as tendências coletivas: a vida resumida de homem é um capítulo instantâneo da vida de sua sociedade (...) acompanhar a primeira é seguir paralelamente e com mais rapidez a segunda: Acompanhá-las juntas é observar a mais completa mutualidade de influxos (CUNHA, 1998, pág.153).

A autora ressalta em seu artigo que no início do século XX teria ocorrido uma grande preocupação quando se tratava de mestiçamento, fator que também teria

refletido no livro de Euclides da Cunha que defendeu a ideia de que a evolução social está inteiramente ligada ao fator social, o que pontua o tema de nosso trabalho, a eugenia.

(...) Euclides da Cunha inicia defendendo a tese: “mestiçagem das raças resulta em um ser raquítico que tende a ser cretino. O sertanejo além de ser esse resultado, sofre com a região árida em que vive, o que agrava ainda e faz acrescentar aos seus adjetivos, a apatia. No decorrer do livro, o autor vai se redimindo ao acrescentar características interessantes ao sertanejo e termina por reverenciá-lo como a rocha viva da nacionalidade. Revela assim uma admiração pelo sertanejo. (BERGAMIN, pág. 37).

Marta Bergamin reforça que em sua obra Euclides da Cunha passa a desmistificar a forma de pensar da época, ou seja, considerar apenas as pessoas de raça branca como representantes do povo brasileiro. Para ela o autor teria mostrado a mistura de raças no país e a importância de valorizar esse tipo para que o país tivesse um povo real. Já que os brancos puros, sem misturas de raças, já eram poucos e fadados a desaparecer.

Citando Florestan Fernandes, Maria José de Rezende destaca que a publicação de Os Sertões em 1902 teria constituído um divisor de águas no processo de formação das ciências sociais no Brasil, o que teria ocorrido pelo fato de ser o primeiro ensaio de descrição sociográfica e de interpretação histórico-geográfica do meio físico, dos tipos humanos e das condições de existência no Brasil.

A busca do significado da mudança social tem sido uma questão central da sociologia. Portanto, Euclides da Cunha ao tomá-la como o norte de sua reflexão sobre o movimento de Canudos, é impulsionado a se aproximar, mais e mais, deste campo de conhecimento. Suas indagações acerca da realidade brasileira remeteram-no, então, às teorizações spencerianas acerca das possibilidades de um dado país evoluir para um estágio que sejam supridas as condições de guerra e repressões. (REZENDE, 2001, pág. 203).

Maria José de Rezende pontua que o movimento de Canudos fornecia, segundo Euclides da Cunha, todos os elementos para tecer uma ampla reflexão sobre essas indagações, pois no transcorrer desse acontecimento ficou evidente que vigia no país uma ideia (europeia) de civilização que era completamente desconectada da realidade brasileira. “(...) ao destruir Canudos, o país agiria como um mercenário a serviço de um projeto de civilização que não era seu, os princípios

de civilização que norteavam a ação contra Canudos eram europeus e não brasileiros”. (Cunha, 1995, pág. 8).

Para Maria José Rezende, Euclides da Cunha teria demonstrado, por meio do movimento de Canudos os descaminhos de uma nação que parecia, no início do século XX, ter optado por uma concepção de civilização desconexa em relação aos fundamentos da identidade social e da nacionalidade brasileira. Para ela ambas eram definidas em vista do enlaçamento das condições geográficas, topográficas, sociais, raciais e culturais. A inospitalidade da terra seria um dos elementos constituintes de um tipo de agir e de pensar próprio de algumas regiões do interior do país.

O autor de Os Sertões, segundo ela, demonstrava que não era de quaisquer elementos místicos que vinham as resistências dos sertanejos, mas sim tinha origem de sua vivência fundada em uma situação física (clima, topografia) e social (fome, miséria, solidão, angústia).

A discussão de Euclides da Cunha, não somente, mas principalmente no livro Os Sertões, representa o ápice dos estudos de sociologia no país, os quais podem ser definidos como aquelas interpretações do Brasil que buscavam, de modo não sistematizada em termos de padrões científicos, elucidar os fundamentos sociais, econômicos, políticos e culturais da sociedade brasileira com base nas concepções de Spencer, principalmente. (REZENDE, 2001, pág. 205).

A autora pontua, ainda em seu texto, que o estudo de Euclides da Cunha sobre a Guerra de Canudos teria procurado revelar o significado do embate entre duas civilizações bárbaras, brasileiras, através da obra de Spencer. A impossibilidade da mudança social teria alinhavado as suas reflexões acerca das perplexidades, absurdos, desconhecimentos e das ignorâncias reveladas por este embate entre os homens do litoral (formados por soldados, políticos e intelectuais, etc.) e os do sertão.

No que se refere do sertanejo, autora ressalta que Euclides da Cunha procurava mapear os traços físicos, raciais e sociais que permitiam a tipificação daquele grupo de indivíduos. Prevalecia, desta forma, a ideia de que não havia o brasileiro em geral, mas sim o circunstancial que deveria ser o ponto de partida de

um progresso fundado nas condições sociais, políticas, econômicas e culturais do Brasil.

E por que em *Os Sertões* as reflexões acerca da mudança social no País tinham como ponto de partida a crítica às várias conclusões fictícias a respeito da capacidade étnica do brasileiro? Ao destacar ora a supremacia do branco, ora a do negro, ora a do indígena e ora a do mulato, o que estava implícito, afirmava ele, era a busca de uma unidade da raça inexistente. (REZENDE, 200, pág. 208).

Em suas primeiras impressões na obra, Euclides da Cunha teria destacado as dificuldades com relação as mudanças sociais. Pontua a autora que, na leitura da época, o país era incivilizado não somente por incapacidade sociocultural, mas também por motivos físicos e raciais. Buscava-se, desta forma desconstruir uma visão do Brasil na qual tinham destaque as matas verdes, as praias e os litorais deslumbrantes. “Descortinar o País significava lançar luzes sobre o sertão, o deserto, as incertezas e os parasitismos ditados pelas condições adversas da seca, do clima, do mestiçamento, etc.” (REZENDE, 2001, pág. 209).

As entradas de um e outro lado da meridiana, impróprias à dispersão, facilitavam antes o entrelaçamento dos extremos do país. Ligavam-nos no espaço e no tempo. Estabelecendo no interior a contiguidade do povoamento que faltava ainda em parte na costa e surgindo entre os nortistas que lutavam pela autonomia da pátria nascente e os sulistas, que lhe alargavam a área, abastecendo-os por igual com as fartas boiadas que subiam para o vale do Rio das Velhas ou desciam até as cabeceiras da Parnaíba, aquela rude sociedade, incompreendida e olvidada, era o cerne vigoroso da nossa nacionalidade (CUNHA, 1995, pág. 113).

Para a autora, buscando conhecer mais a fundo o que até então era totalmente desconhecido, Euclides da Cunha assinalava na obra *Os Sertões* que os seus habitantes seriam portadores de caracteres expressivamente definidos e imutáveis. Uma população aborígene teria dado origem àqueles sertanejos que teria recebido, no seu passado, uma formação religiosa oriunda dos missionários (Jesuítas e Capuchinhos) que desempenharam um papel importante em Monte Santo. “Essa população perdida num recanto dos sertões, lá permaneceu até agora, reproduzindo-se livre de elementos estranhos (...) realizando um cruzamento que fez surgir o mestiço, definido, completo” (Cunha, 1995, pág. 118).

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Até as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontavam vivíssimos estigmas do inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso (CUNHA, 1995, pág. 122).

Conforme Maria José de Rezende, Euclides da Cunha pontua no Capítulo III, um perfil positivo da cultura do sertanejo. A brabeza seria persistente e a sua determinação em arrancar os meios de sobrevivência de condições inóspitas e a sua honestidade para com os outros eram pontos indicativos de que o Brasil possuía, em seus lugares mais obscuros e desconhecidos, seres sociais dotados de características que se faziam necessárias para implementar qualquer processo de mudança no Brasil.

Se o sertanejo era a maior expressão da nacionalidade brasileira, as considerações apresentadas anteriormente sugerem que, para Euclides da Cunha, as mudanças sociais tinham, a um só tempo, condições de se realizarem e também enormes empecilhos, pois a criação de um hábito de sofrimento, no qual se cristalizou uma resignação árdua, emperrava a formação do desejo de transmutação das condições a que os sertanejos, em particular, e os brasileiros, em geral, estavam submetidos. (REZENDE, 2001, pág. 214).

Do ponto de vista étnico, a autora destaca que a mestiçagem do homem era, para Euclides da Cunha, um elemento que apresentava duas características: uma delas seria a responsabilidade pelo florescimento de uma mentalidade confusa expressa no modo de o sertanejo interpretar o mundo exterior em face dos estágios raciais e sociais diversos que o formaram e a outra era dotada de elementos positivos ligados ao modo exclusivo de mestiçamento estabelecido nos sertões do país, o qual se regulava pelo cruzamento predominante do aborígine com o branco que resultou na formação de indivíduos empenhados em resistir e em pelear incansavelmente com o meio, devido não às condições genéticas, mas sim as condições de luta para vencer as adversidades naturais e sociais. (REZENDE, 2002, pág. 215).

6 CONCLUSÃO

Entramos em dois mundos diferentes, mas que no desenvolver deste trabalho acabaram contracenando na construção de um tema controverso: a construção, entre nós, de uma raça pura e o branqueamento da população.

Adentramos em temas paralelos: a eugenia como forma de construção de uma raça pura e sua abordagem na obra de Euclides da Cunha “Os Sertões: Campanha de Canudos”.

Sem a interferência de um tema sobre o outro, teríamos apenas uma obra de relato sobre o que estava acontecendo no sertão nordestino quando ocorreu a Campanha de Canudos. Um trabalho jornalístico que, já para aquela época, mostrava ao Brasil, através das páginas de jornal, uma realidade até então desconhecida.

Mas, ao juntarmos os dois temas em um mesmo texto, como de fato ocorreu com Os Sertões, teremos uma obra que se mostrou como uma denúncia acerca do que estava ocorrendo no sertão, especialmente sobre a vida e a morte daquele povo nordestino. A eugenia cai, aqui, como uma excelente dose de interpretação sobre o que a República e o resto do Brasil pensava daquele povo.

As mais diversas citações, em um primeiro momento, mostram o quanto Euclides da Cunha, um jornalista que iria transformar o modo de pensar sobre aquele povo, conseguiu demonstrar sobre uma realidade diferente, dando vez e voz aos que mais necessitavam de auxílio, mas que até então eram os invisíveis em uma sociedade que se transformava politicamente e economicamente.

Juntando a isto surge a figura de um messias, Antônio Conselheiro que, de homem simples vira uma figura mítica e lendária, onde em nome de Deus move seu povo a seguir a sua fé na busca de dias melhores. Uma legião unida que busca transformar a sua realidade seguindo os predicados da Santa Igreja. Dentro deste contexto, a religião, como o é em populações que sofrem muito com a falta de aspirações e oportunidades, torna-se o cálice sagrado para levar o povo adiante em sua dura realidade.

Na obra, Euclides da Cunha viaja no sertão nordestino, momento em que acompanha os passos da Campanha de Canudos e o desenrolar do embate entre os seguidores de Antônio Conselheiro e os soldados da República.

O termo eugenia, pontuado nas mais diferentes citações do autor, nos provoca uma enorme reflexão sobre o uso de palavras e citações que acabam denegrindo o povo do nordeste brasileiro. A diferença sobre o homem do nordeste a outros, como a figura do gaúcho do Sul, coloca a eugenia como linha de raciocínio do que realmente se pensava e se escrevia.

A obra de Euclides da Cunha, na medida em que avança com a Campanha de Canudos, vai transformando a forma de ver e pensar do autor sobre o que conhecia até então. Em suas considerações o que antes era um simples e moribundo homem do sertão, surrado pelo tempo e pelo calor escaldante, passa a ser um homem corajoso e destemido, que através da união de seu povo e pela fé em Deus, nas pregações de Antônio Conselheiro, tem tudo para obter a redenção final que naquele momento era o que lhe restava de mais sagrado.

Finalizar um trabalho como este é poder entrar em um tema que, embora muito debatido no final do século XIX e início do século XX, ainda possui muitas ponderações a serem analisadas nos dias de hoje, seja pelo racismo na atual sociedade, a homofobia, a desatenção com os idosos, com os diferentes e, ainda mais grave, com os invisíveis da sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- OLIVEIRA Ricardo de, *Revista Brasileira História*, vol. 22, nº 44, São Paulo, 2002.
- SOUZA Vanderlei Sebastião de, *Revista Eletrônica História em Reflexão*, vol. 6. Nº 11, UFGD, Dourados, jan/jun 2012.
- TAVARES, R. *Alcoolismo infantil no Brasil. Boletim de Eugenia*. Ano III, nº 29, maio, 1931.
- STERN, Alexandra Minna, *Eugenics Nation: Fault and Frontier of Breeding in Modern America. Califórnia: University of Califórnia Press*, 2005.
- CARVALHO, Leonardo Dallacqua de, SOUZA, Vanderlei Sebastião de, *Perspectiva*, Florianópolis, v 35, nº 3, págs. 887-910, jul/set. 2017.
- TEIXEIRA, Izabel Mello, SILVA, Edson Pereira, *História da eugenia e ensino de genética*, 2017, volume 15, págs. 63-80.
- STEPAN, Nancy Leys, *Eugenia no Brasil, 1917-1940*, ensaios históricos sobre a doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2004.
- TEPEDINO, *A Eugenia* (esboço), 1914. Tese, Rio de Janeiro: Faculdade de Medicina.
- CUNHA, Euclides. *Os Sertões* (Campanha de Canudos), Editora Martin Claret Ltda, 2002. Ano da primeira edição: 1903.
- REZENDE, Maria José, *Os sertões e os (des) caminhos da mudança social no Brasil, Tempo Social*; Ver. Sociol. USP, 13(2): págs. 201-226, novembro de 2001.
- BERGAMIM, Marta, *A representação do sertanejo na obra Os Sertões*. Mestranda em Ciências da Linguagem (UNISUL) e professora de Literatura (FAMPER).
- OLIVEIRA, Gilvan de *Os Sertões: a construção do espaço no relato de canudos*. Departamento de Letras, UFRN, Natal/RN.
- VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha. Esboço biográfico*. Org. Mário César Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. Companhia de Letras, São Paulo, 2003.